



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FÁRIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica, 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA", R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

A Câmara entendeu, e muito bem, mandar reparar, caiar e lavar as frontarias dos seus edificios.

Deve ser esta medida o início duma limpeza geral à cidade que há muito se impõe. Prédios há por aí que são uma vergonha e que urge mandar limpar. Estamos a breve tempo de uma das maiores festas que se tem realizado em Guimarães—o Congresso Eucarístico—e que a esta terra há-de trazer muitos milhares de forasteiros.

Devemos, pois, preparar-nos para deixar a quantos nos visitam a impressão de que somos uma terra civilizada ou pelo menos limpa. E neste capítulo, frontarias de edificios a Câmara não tem mais que fazer cumprir o Código de Posturas.

□ □ □

MAS há também que limpar por dentro.

Não somos daqueles que aplaudem a ideia de lavar e arranjar só aquilo que anda à mostra. Para bem da saúde pública é necessário continuar a trabalhar.

Não se vá agora adormecer nos louros de uma obra que agradou a toda a gente.

A cidade está cheia de autênticos focos de infeção que urge destruir.

Soubemos que, em tempos, o illustre sub-delegado de saúde procurou acabar com uma das mais temíveis estrumeiras que se encontra em pleno coração da cidade. Porque se não levou a cabo tal empreendimento?

Bem sabemos que Roma e Pavia se não fizeram num dia, mas não será descabido ir lembrando este e outros males, quando se pensa em obras que bem podem esperar.

□ □ □

POR várias vezes, na sua primeira fase, e por uma vez na presente, focamos a necessidade da criação dum corpo de policia na nossa terra.

Os nossos brades ainda não conseguiram despertar ninguém, não encontraram eco em parte alguma.

Porque se á?

Acaso a julgarão uma coisa dispensável?

Se assim é, pedimos de culpa.

Mas, a cada passo, lemos nos vários jornais, nos nossos confraternos, e nos diários pela pena dos vários correspondentes desta cidade, que é preciso reprimir a imoralidade que se observa a cada canto, met r nos eixos o rapazi, acabar com o espectáculo miserável da prostituição que roça a gangrena pelas esquinas mais centrais, terminar em a praça de peixe que é o passeio da Sociedade Martins Sarmento, manter a or tem e garantir a propriedade do cidadão, etc, etc.

Pede-se, reclama-se tudo isto, e quem pode dar satisfação a estes pedidos, a estas reclamações, como as lê-te atender, se não tem agentes que façam cumprir as ordens que nesse sentido viesse a dar?

Mas, se assim não é, pedimos desculpa...

Interesses locais

Quando sair este número devem estar entre nós os srs. Ministros do Comércio e da Instrução, trazidos até Guimarães pela necessidade absoluta, reconhecida pelos Poderes Públicos, de vir, de perto, junto de todos os elementos de informação, colher dados precisos, certos, exactos, que habilitem o Governo da Nação a poder resolver com justiça e com conhecimento de causa algumas das necessidades mais urgentes, das regalias mais dignas de deferimento, dos desejos mais atendíveis e ponderáveis da nossa terra.

Muito haveria que mostrar a S. Ex.^{as}, de muito teriam S. Ex.^{as} de tomar conhecimento, a muito teriam de dedicar as suas atenções, muitas reclamações cheias de justiça teriam S. Ex.^{as} de julgar se não fôsse o todos nós reconhecermos com lealdade que a tudo não pode chegar o bom desejo dos governantes, se não fôsse o termos a certeza de que no *mare magnum* da vida portuguesa há um sem número de iniciativas a precisar de efectividade, um sem número de interesses fundamentados a exigir garantias, um sem número de reclamações legítimas a atender. Compreendemos bem o que sejam as responsabilidades das pessoas que as circunstâncias colocaram nos mais altos lugares da governação pública. Sabemos das suas dificuldades, não nos custa admitir o seu desejo de bem servir, de querer conduzir pelo melhor caminho a *Pes Pública*. Não podemos, porem, deixar de aproveitar a oportunidade de, como órgão legítimo e incontestado dos interesses desta terra, lembrarmos aos ministros visitantes que do muito que poderíamos pedir algumas coisas há que devem, para decoro mesmo dos Poderes Públicos, ser realizadas, que algumas reclamações há a que o Governo não pode, sem afronta aos nossos interesses, aos nossos direitos, as nossas tradições, deixar de resolver, de lhes dar a resolução equitativa e justa.

O projectado caminho de ferro do Vale do Ave, a criação dum destacamento de policia de segurança pública, a criação de oficinas técnicas na Escola Industrial, a criação de um juízo criminal, a manutenção do Batalhão de Metralhadoras 2 ou a colocação de uma outra unidade militar, de preferência um regimento de infantaria ou um batalhão de caçadores, todos estes assuntos tem que ser olhados com carinho e com interesse pelos governantes, de todos estes assuntos faz o PRO VIMARANE questão fundamental.

Pugnando, hoje como sempre, por tudo o que nos é necessário, por tudo aquilo a que temos indiscutível direito, PRO VIMARANE—prometendo tratar desenvolvidamente no próximo número estas questões essenciais para o progresso e desenvolvimento de Guimarães—faz votos por que do que virem, observarem e estudarem os srs. Ministros que nos visitam tirem uma conclusão justa e favorável aos nossos interesses, uma conclusão que, sendo a nosso favor, seja, ao mesmo tempo, Nacional.

O soldado de Marathona

*Era um jovem herói, um valente soldado,
Obscuro entre dez mil, de todos ignorado.
Quando chegou, enfim, o dia da vitória,
O' sublime ambição! êle quiz ter a glória
De a nova anunciar à longinqua cidade
E, agitando um pendão, partiu com anciedade.
Brioso corredor, patriota anelante,
Em corrida veloz, sem tréguas, sufocante,
O valoroso herói as fôrças exauriu
E, ás portas da cidade, exânime caiu.*

*Feliz quem, tendo obtido uma palma imortal,
Pode assim succumbir no sonho dum Ideal.*

MENDES SIMÕES.

AS obras que precedem a colocação da marquize, ali, no Toural, continuam na sua marcha de corangeijo.

Porque não andarã aquilo mais depressa?

Estar-se-há à espera que as colunas cresçam para serem adaptadas ao mercado coberto?

Asim parece.

Porém, não será sem o nosso protesto que se demore a colocação da referida marquize que ao município, e por isso, ao povo, já custou algumas dezenas de contos.

Se é uma coisa que se tem de fazer e nos orçamentos há a verba suficiente para acabar essa obra, porque é que aquilo não anda?

Não largar-mos este assunto enquanto não virmos que se traballia, mas a sério.

□ □ □

O que haverã?

Corre por aí à bôca pequena que vamos ficar sem o Batalhão de Metralhadoras 2. Os jornais diários falaram há dias, numa conferência havida entre o chefe de estado maior da 1.ª Região Militar, com sede no Porto, e o Ministro da Guerra, acerca da criação, naquela cidade, de uma unidade de metralhadoras.

Estamos, pois, na contingência de ficarmos desprovidos de uma unidade militar.

Quando foi da retirada do 20, o Grupo PRO VIMARANE, na representação que dirigiu ao então Ministro da Guerra, e que é do domínio público, aduziu várias razões que deixavam ver claramente a necessidade de se manter aqui qualquer unidade militar.

Por isso precisamos de estar atentos e procurar conseguir que o que para aí se rumor, ja não seja levado a cabo.

Mais vale prevenir que mal remediar.

□ □ □

NÃO temos, positivamente, o direito de exigir que qualquer cidadão tome a seu cargo determinados melhoramentos, que viriam beneficiar sobremaneira esta terra.

No entanto temos o direito de reclamar contra certas atitudes, que mais parece manadas de poeira lançada aos olhos dos incrédulos.

O novo hotel está neste caso. Não passou de uma história.

Soubemos que foram convidadas criaturas para fazer parte duma comissão que não tinha sequer o mais rudimentar dos elementos que nece sitavam para dar corpo e vida àquela ideia.

Não há o direito de vir em tom de triunfo anunciar uma coisa que mal está em embrião, para desse estado não passar.

Somos uma terra já farta destes simulacros de fé bairrista e por isso, sentimo hoje necessidade de desabafar.

E desabafamos para de futuro acabar a chuchadeira.

Picadelas...

*Em tempos ouvi falar
N'um hotel a construir
Que não desse como os outros,
Só vontade de fugir.*

*Com um hotel regular,
Já contava muita gente,
Que não fôs-e te espartar
Mas que fôsse cousa decente.*

*O pior é que o Destino
O nosso Destino meu,
Fez dar aquil' projecto
Em águas de batalha.*

*Minha pobre Guimarães
Se caisses num abismo
Quem te iria lá buscar?
Quem não tem patriotismo!*

MOCHO.

A dívida de Guerra

Não poderiam ser melhor inspirados os sinceros e leais patriotas que compõem a guarnição militar de Braga.

E' já do domínio público, que foram estes briosos militares quem tomou a iniciativa de entre abrir uma subscrição para custear o pagamento da nossa dívida de guerra à Grã Batalha, lançando ao mesmo tempo aos quatro ventos, de norte a sul do paiz, uma proclamação, incitando todos os portugueses a secundarem o seu bom e generoso gesto.

Ideia sublime e patriótica, que nos evoca o mais feliz tempo de todo o nosso grandioso passado.

Se Portugal mostra a seus filhos, nas páginas da sua brilhante historia, um passado de glórias, alcançadas nos mais duros transe, nos mais difíceis rasgos de heroismo, exemplo seguro é esse para que nós, hoje, procuremos envederar pelo mesmo caminho, mantendo em tôda a sua pureza legado tão precioso.

E esse caminho é trilhado pela guarnição militar de Braga; e por êle devem andar todos os portugueses.

Foi com enorme satisfação que acolhi ideia tão simpática e é também com grande mágua que a não vejo secundada por todos os portugueses com aquela rapidez que servia para demonstrar, que a chama do nosso génio se não apagou ainda.

A alguns tenho ouvido eu palavras de desânimo, incrédulos de que se leve a cabo tão grande e patriótico empreendimento. E eu pergunto, como puderam Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão Mendes Pinto, Pedro Alvares Cabral, Côrte Real, todos estes intrépidos navegadores, realizar as suas grandes empresas em pequenas caravelas?

Como puderam Gago Coutinho e Sacadura Cabral, voando pelo espaço infinito, atravessar o Atlantico, a caminho do Brasil?

Que força oculta, que potencia misteriosa os guiou através do espaço e do mar, então desconhecido?

FOI A CHAMA DO GÉNIO PORTUGUEZ.

Foi ela que acompanhou Sacadura Cabral ao Brasil, foi ela

A visita ministerial

Propositadamente atrazamos a saída deste número para darmos uma circunstanciada notícia da visita que S. Ex.^{as} os srs. Ministros do Comércio e Instrução, fizeram a esta cidade.

A visita de um ministro a uma região é sempre motivo para afirmações de certo modo interessantes que convém registar.

Foi por isso que procuramos prescutar, ouvir da sua justiça os representantes do governo da nação.

Não queremos, não está isso no nosso programa, discutir esta ou aquella forma política. Ao PRO VIMARANE qualquer delas é indifferente.

A viagem de S. Ex.^{as} despidida de qualquer exigência protocolar, foi u na viagem de estudo, disse-o o sr. dr. Alfredo Magalhães na Camara Municipal. O governo quer conhecer de perto as necessidades do paiz e por isso desloca se, vem vêr, vem conhecer essas mesmas necessidades. Está certo. Questão é que, às suas resoluções presida um espírito de justiça.

Vieram S. Ex.^{as} conhecer a importância da região que ha-de ser servida pela projectada linha ferrea do Vale do Ave, que alguém procura prejudicar. Não sabemos qual a impressão que os Ministros colheram por nos ter sido impossível acompanhá-los, mas estamos convencidos que ao tomarem conhecimento da importância daquela região, não terão dúvida nenhuma em satisfazer tão justas aspirações.

Na Associação Comercial, prometeu S. Ex.^a o sr. Ministro do Comércio atender as reclamações que o illustre presidente daquela Associação, o Ex.^{mo} Sr. dr. José de Oliveira Bastos lhe fez. Prometeu atender o pedido do estabelecimento da rede telefónica urbana, que ha muito se impõe como uma necessidade absoluta.

Na Sociedade Martins Sarmiento onde estivera n os Ministros visitantes, afirmou o

ainda que em frageis embarcações nos levou a dobrar o cabo pa Bôa Esperança, à India, ao Japão, e ao Canadá, servindo aos nossos navegadores de estrela polar no oceano e de farol à entrada do porto.

Porque não ha-de ser ela agora, que resplandecendo em tôda

da Instrução que enquanto exercesse aquêle cargo enviaria todos os esforços no sentido de ser levantado um monumento ao sabio illustre que foi e é o orgulho da terra que lhe serviu de berço—Guimarães.

São estes os pontos mais flagrantes, aquelas afirmações que julgamos interessantes registar.

Somos, talvez, demasiadamente incrédulos, duma incredulidade que nos vem do muito que temos observado, do muito que nos tem sido prometido sem jamais ter conseguido uma realização cabal, insofismável, e por isso não faremos, neste momento, explodir aquela girândola de foguetes anunciadora de uma triunfal vitória. Não.

Suas Ex.^{as} prometem. A nós compete fazer lembrar aqueles compromettos que agora nos fazem.

Ou bem, que temos um governo que quer ver, que quer fazer justiça, sem grande esforço de intelligência e sem mira nos votos que determinada concessão lhe possa trazer, e nos atende naquilo que nós reclamamos, ou continuaremos na mesquinha politiquice de campanário, em pleno regime de compadrio.

A nossa terra, até hoje posta à margem não sabemos porque influencia adversa, precisa de reclamar e não pedir, exigir e não mendigar. Somos um dos órgãos mais activos d'este cõrpo que é a Nação. Abdicar dos direitos que nos advém dessa força que representamos, é uma subserviência a que não nos devemos sugerir.

Temos, pois, que aguardar aquilo que de prático pode vir das promessas que agora foram feitas.

A nossa pena não está aqui ao serviço de qualquer paixão que não seja aquela de bem servir a nossa Pátria e a nossa Terra, por isso como nunca tigersou ao escrever aquilo que não está positivamente no agrado de tôda a gente, também não regateará louvores a quem se torne digno dêles.

a sua pujança, nos ilumine o caminho a pisar e nos diga, que temos de honrar um compromisso contraído pela nossa Mãe—A Patria—Mãe sagrada e bendita e cuja alma se sente palpitante no tremular da bandeira que nenhum de nós sabe olhar sem estremecer de orgulho.

Pios

obres

São aos cardumes por essas ruas fora.

O visitante mal sai da estação vê-se logo assaltado por essa legião de pobres e vadios, resultado duma caridade mal entendida, que só o largam quando êle se decide a corresponder ao apêlo feito.

Em dias de feira ou de festa, é vê-los por aí, homens robustos mostrando as chagas, que propositadamente, não curaram, crianças entoando a estafada cantilena da pedincha, velhinhos aleijados ou cegos, cujo abandonô a que são deitados corta o coração e nos faz corar de vergonha, procurando uns levar a vida o mais despreocupada possível, levados outros pela esperança de conseguir um bocado de pão que a sociedade lhes nega.

Ora isto depõe muito mal contra uma cidade como a nossa onde poderá faltar tudo menos o dinheiro. E' natural que por essas terras fora o mesmo aconteça, tanto mais que o problema da mendicidade é um dos muitos que ainda está por solucionar e, se não, veja-se o que está acontecendo com os mutilados da Guerra.

Não nos devemos, porém, deixar vencer perante a complexidade do problema porquanto, se todos desejam, inquestionavelmente, o progresso da nossa terra, é preciso também que todos se lembrem de que o progresso se não avalia só pelos melhoramentos materiais.

Olhemos como deve ser por êsses desgraçados. Tratem-se com carinho e com amor os pobres que o são. Obrigue-se a trabalhar quem viu na mendicidade um modo de vida como qualquer outro.

E isto não é difficil. Bastaria que cada cidadão deixasse de dar esmola e contribuisse, na medida dos seus haveres, para a manutenção duma casa onde os pobres encontrariam pão e agasalho, onde se fariam homens os que saem do berço para estender a mão a quem passa—vício que jámais perderão—onde, enfin, lhes seria ministrada a verdadeira caridade.

Esta ideia foi há anos posta em prática no Porto pelo então governador Civil, dr. Adriano Pimenta, tendo, ao que parece, dado alguns resultados.

Não poderíamos nós também seguir-lhe o exemplo ou, pelo menos, tentar?

CORUJA.

O pensamento e a ave são irmãos: persegui los é atentar contra a Razão e contra Deus.

Vamos, pois nós, todos os portugueses, cheios de fé, olhos fitos na Patria, entregar um, meio dia do nosso salario, para que amanhã nas páginas da história, os nossos filhos possam ler, mais esta vitória inegalavel, que é mais um pendão de sacrificio pela Patria estremecida. —JOM.

O caso

Pro Vimarane

-Bombeiros =

Pelos bombeiros srs. Ferreira da Costa e Antonio Lobo, fomos entregues no dia 18 do mês passado, com o pedido de publicação nas colunas deste jornal, uma carta escrita em papel timbrado da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e, presumivelmente, em nome destes redigida.

Apesar de certos termos bastante violentos e pouco correctos dessa carta, não teria a redacção deste jornal, dúvida alguma em publicá-la se não fosse o ter se dado o facto de, contra todas as praxes jornalísticas, aparecer a mesma carta publicada em dois colunas nossos desta cidade, sem que no «Pro Vimarane» se opusesse qualquer obstáculo à sua inserção.

Desde que se deu, por lamentável precipitação, este facto, a redacção deste jornal resolveu não publicar a mencionada carta, collocando-se assim dentro das disposições da lei da imprensa, e sem com esta atitude querer significar menos consideração pelas pessoas que ao director deste jornal se dirigiram ou pela corporação a que essas pessoas pertencem.

Como dissemos no nosso último número, vamos proceder à cobrança do primeiro semestre da assinatura do **PRO VIMARANE**.

Rogamos aos nossos prezados assinantes o especial obsequio de não demorar o pagamento do respectivo recibo quando lhe for apresentado.

Porque não?

«A Velha Guarda» nosso colega local, diz que não gostamos que fizesse a transcrição de um nosso suelto.

Não gostamos? Ora é essa, onde o colega viu essa falta de gosto?

Deve ser mania. Dissemos que alguns jornais da terra, sempre ávidos de escandalos, o transcreveram. Será menos verdade?

Gostamos, porque o que escrevemos é para que se leia e se lhe dê o curso necessário.

Quanto à segunda parte, o que fizemos foi correção de alguns pontos, que um erro de informação ocasionou e que mandava a lealdade se fizesse.

Porque o que dizemos, dizemos. Nunca soubemos engaitar responsabilidades.

Fique-o sabendo o colega.

Outra Revolução

Mais uma vez se degladiam as paixões, se divide e convulsiona a gente portuguesa.

Não é como políticos partidários que falamos, pois que dentro desta trincheira se não cura saber dessa política.

Falamos como portugueses que pretendem vêr a sua Patria dignificada.

As lutas internas, foram, são e continuarão sendo um dos cancos mais perniciosos.

Precisamos de nos dignificar perante o estrangeiro, precisamos de corrigir os processos perante os nacionais.

Sabemos ha muito a razão divorciada da força e o caracter das acções daquêles que empunham as redeas do governo.

Sem facciosismos políticos que não os temos, afirmamos a nossa descrença nos salvadores.

O povo português tão bom, tão ordeiro e tão trabalhador, está de tal ordem eivado do virus político e tão dividido que difficilmente se consegue uma situação que bem lhe asente, que esteja dentro das suas exigencias.

Nós, aquêles que nos bate-mos pelo único partido sacrosanto entre os mais sacrosantos—o partido da Nossa Patria—o partido da Nossa Terra, olhamos entristecidos esse de-

gladiar inutil, onde as vidas se consomem e a Patria se definha.

Nós aquêles que pela honra e gloria dum Portugal Maior não esmorecemos um minuto, que pela defeza da Nossa terra levantamos esta trincheira, onde as armas são as nossas penas e metralha a nossa tinta não queremos, neste momento em que portugueses como nós se mata e se odeiam, cada um pelo seu ideal que julgam nobre e patriótico, deixar de bradar bem alto a nossa fé, pela retenção da Patria fora das clientelas politicas, fora dos manejos e favoritismos de compadrio.

Politica essencialmente nacional e bairrista a nossa é, por isso, não podemos nesta hora ter outra orientação que não seja aquela que temos seguido desde o primeiro número.

Nesta casa trabalham individuos de todas as facções politicas e simpatias partidarias, simpatias estas que deixam lá fóra quando transpõe a porta do PRO VIMARANE.

PRO VIMARANE, neste momento, alargando o seu âmbito de acção, não podia deixar de fazer esta referencia, porque é também **Pela Pátria**.

SÉRGIO VIDAL.

Conferência

Mais uma brilhante conferência se realizou na Sociedade Martins Sarmento.

Está utilíssima e patriótica instituição, que tem marcado pelo muito que se tem dedicado às artes e as sciências, continua na sua louvável orientação de trazer até nós verdadeiros valores da sciência e das letras portuguesas.

Assim, no passado dia 29 de Janeiro, realizou uma conferência em que o ilustre escritor e crítico de arte ex.^{mo} sr. dr. Reinaldo dos Santos orou como era de esperar dos seus proficientes conhecimentos e douta sciência, sobre *as origens do românico em Portugal. Sua evolução e significado nacional*.

A numerosa assistência que ouviu atentamente o orador, aplaudiu-o com justificadíssima razão.

Bibliografia

Recebemos o número 4 da «Revista de Guimarães» edição da Sociedade Martins Sarmento.

Os nossos agradecimentos. — Também recebemos o livro «A Questão Nacional» de que é auctor o sr. Dr. Carlos de Amorim, director do nosso brilhante colega da Covilhã «A Mocidade Portuguesa».

Obra meramente política, define a orientação do seu autor, que se manifesta um defensor acérrimo do nacionalismo.

A natureza do livro não nos permite — devido à orientação que imprimimos ao nosso modesto jornal — levar mais longe a nossa apreciação.

Agradecemos a oferta.

Por motivos extranhos à nossa vontade, faceis de calcular, sai o presente número bastante atrasado, pelo que pedimos nos desculpem os nossos prezados assinantes e leitores.

O nosso dever

Devido a assuntos de momento que de modo algum convinha protelar, só hoje fazemos o relato do que será a nossa acção neste jornal.

Como o soldado leal à sua causa que nas horas mais difíceis do combate não conhece o perigo e que não pretende outra glória que não seja a da sua Pátria, assim nós estamos neste posto, dentro das muralhas deste baluarte inexpugnável, para a defeza dos sagrados interesses da nossa terra.

Uma vez que nos foi confiado este posto avançado, procuraremos desempenhar no desta missão com a maior lealdade, mas também com a maxima energia se npre que as circunstâncias assim no-lo exigiam.

Ceder, recuar nunca porque seria cobardia.

Como consequência da nossa lealdade seremos justos, procurando dar sempre a «Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus».

Seremos implacaveis com todos aqueles que pelo seu esforço pessoal ou colectivo poderia advir algum melhoramento moral ou material para a nossa velusta e histórica Vimarane e que nada fazem ou por uma indolência execranda ou por um torpe e ignóbil comodismo que tanto avilta os honras do nosso tempo. Quem nada faz, não tem razão de existir. Um homem tem a obrigação restrita de ser útil a outro homem; eis o grande dever social por tantos esquecido e por muitos ignorado.

Pelo contrário, a todos aquêles que num labutar incessante jámais se cansaram de trabalhar pelo engrandecimento da nossa terra, tributar-lhe e nos sempre os nossos aplausos e incita-los-emos a prosseguirem nessa árdua e sacrossanta jornada de bemfazer. Jámais trilharemos outros caminhos que não sejam o da razão e o da justiça.

Lutaremos, sim havemos de lutar cumprindo sempre o nosso dever na defeza dos sagrados interesses da terra que nos viu nascer. — RADIO.

P. S.—Parece que se pensa fechar um contrato com os oleiros desta cidade para o fornecimento duma nova corporação de policia para ver se se consegue pôr cõbro aos abusos desenfreados que os adeptos do futebolismo fazem nas ruas da cidade.

Mais nos dizem que esta resolução visa também a permitir que os chamados zeladores municipais continuem, nos dias de chuva, metidos nas tabernas e, nos de sol, estirados nos bancos dos jardins públicos a dar caça às moscas.

Muito bem entendido, por duas razões.

A primeira porque existe um campo desportivo nesta cidade e portanto, só lá se devem fazer os treinos e realizar os desafios.

A segunda, para ver se no próximo verão seremos menos importunados por êstes insectos tão nocivos como dispensáveis.

R.

PÁGINA LITERÁRIA

CONTRASTES...

Mulheres!

Se preguntarmos a uma mulher a razão porque se deixa vencer tam facilmente, ela responde logo, sem um profundo pensamento, que é por amor, por paixão. Coitadas! As mulheres de hoje, como as de ontem, como as de sempre, atiram para cima de nós, em nome de coisas que nunca sentiram ou compreenderam, com as mais amargas frases de despeito e ódio, como se elas fôsem capazes de sentir melhor ou falar mais verdade ao próprio coração...

Não! As mulheres, quando muito, só nos fazem perder a cabeça, porque o ciúme a que chamam amor, as cega e, então, começam por nos provocar tam infantilmente como se a sua história não estivesse já feita, ou como se nós as não conhecessemos tam práticas na dissimulação e no mistério em que se encobrem!

A vida de cada mulher é um mistério: mistério quando nos fala a última vez, mistério se a beijamos com pressa de nos deixar por instantes, mistério nos seus olhos quando nos fitam furtivamente, mistério até nas mais pequeninas coisas...

De tudo a mulher faz mistério, e a sua melhor arma é a dissimulação. E dissimular, é enganar, com mais ou menos habilidade, com mais ou menos arte.

E porquê? Porque a mulher nunca soube procurar fazer amor, criar amor: brinca com ele como se fôsse um brinquedo dos primeiros anos. E o amor não quer brincadeiras, principalmente hoje, que deixou de ser menino de cabelos louros e olhos vendados para ficar o coração das donzelas. Presentemente, o amor é um cavalheiro, de olhos bem abertos, que vai aos bailes todo democrático e sabe espreitar pelos reposteiros... E' o que as mulheres ignoram, ou fingem ignorar. Eis por que ela é vencida, e cada vez mais, pois que nunca soube querer só para desejar. E o desejo, na mulher, é a sua melhor virtude. Tal como nos meninos bonitos, elegantes, chics, de calças largas, boca de sino, da moda, que vão á igreja com a mesma cerimônia como a um

ENTRE A NEVE

(EXCERPTO)

Por Eça de Queiroz

O lenhador atirou o machado contra o tronco do carvalho — e toda a arvore imensa ficou tomada de vibrações dolorosas: e as suas ramagens estenderam-se caídas, sem vida e sem força, pelo tronco, como para se verem morrer sem gemidos, num silencio soberbo e selvagem.

O sol veio livido, mole, desfalecido, sem força, sem vitalidade, sem ascensão flamejante e sagrada, entre nevoas arrastadas, entre esvaecimentos lugubres de nuvens. Começavam a esvoaçar os passaros, piando tristemente.

E o lenhador, com o peito arqueado, os cabelos desmanchados, vermelho, feroz, com o machado erguido nas mãos, com tragicos encarnecimentos, lutava contra os troncos, contra os ramos, contra as raízes, contra as das cortiças e os filamentos tenues; e enchia o chão de ramagens negras, de braços mortos de arvores, caídos e inertes como armaduras vencidas.

Aquelas arvores que tanto tempo levaram a formar-se e a rijar, e a acostumar-se aos ventos tumultuosos, e a saber agarrar as clinas da chuva, e a embicar as molés nudzas das nevoas e dos vapores, aquellas arvores cheias das mordeduras de novembro, cheias de legenda e do cheiro das tormentas, encoliam os ramos num estremecimento medroso quando o machado reluzia ligeiramente no ar.

El' tinha a camisa solta e esfarrapada: os socos faziam covas na neve: e, esfomeado, terrível, ia a grandes passos pela floresta, rasgando os silvados, e migalhando as raízes, e voltando em estilhas, em fibras partidas, com gestos tragicos, e fastando com o machado o vôo dos corvos; e o choro do amor dos filhos, torturava as arvores, com golpes flamjantes, gritando lies: covardes!

Assim lidou sob a neve, e o vento, e a chuva, e a humidade, e as nevoas, e a fúria, e a dor, até ao anoitecer.

Tinha já um monte de ramagens e de lenhas: enfiou-o nas cordas, dadas como os seus braços: enroscou no meio o machado: o feixe enorme estava enroscado a um monte de neve: as duas pontes da corda por onde elle havia de erguer, pendiam negras e húmidas: então curvou-se todo para tomar o feixe sobre as costas largas: mas quando o ia a erguer, lento e cansado, sentiu os muscu-

los afrouxarem, as mãos esfriarem, subiu-lhe um desfalecimento, e caiu, com os cabelos suados e colocados á testa; e os seus dedos inteiriçados esburacaram a neve.

Assim esteve perdido na moleza do esvaecimento, até que abriu os olhos vagarosos, e ficou-se encostado ao feixe, silencioso e cheio de ternuras.

Vinha-se derramando a noite, desciam as neblinas: todo o ar estava tomado de uma palidez opaca e severa: caía uma chuva vaporizada: todo o chão estava pesado de neve.

Ao pé do lenhador estava estendido um grande tronco engeilhado, morto, sem raízes, sem ramagem, sem seiva: por um lado começava a desfazê-lo a podridão.

Em redor erguiam-se as multidões de arvores cobertas de neve, atelgoadas entre as transparencias do nevoeiro, tristes e noturnas como monges brancos.

Ao fundo abria-se uma clareira, que deixava ver ao longe a grande luz, que ia, serena e tímida.

O lenhador, com o peçoço nu, o peito colorido e enroscado, agarrou as cordas do feixe, enrijou os musculos, com a face orgastional, as fortes inchadas, as grudes veias saídas como cordagens, e as pernas hirtas, violentou o corpo para se erguer. Mas caiu sobre a neve, amolecido, sufocado, e aberto das friezas húmidas da fúria.

Então, ficou-se a olhar o tronco esfolhado, nu, coberto de neve, e a pensar que o seu corpo ia ali finar-se e dissipar-se entre as podridões dos troncos.

E toda a sua carne foi tomada por uma vibração terrível. Tinham-lhe lembrado os filhos e a mulher, e o pobre pastor que lhe sacudia, quando elle entrava, a neve dos cabelos e as silvas da julca.

A neve caía triste. A'quelas horas ella esperava, junto da porta, a ver se o via ao longe chegar, curvado debaixo dos seus feixes, pelos caminhos brancos de neve.

Ela estariu com uma mão apoiada á ombreira, e com a outra agasalhada as crianças nas dobras da saia, contra os frios da noite.

E elle estava ali só, esmagado sob a neve implacável!

Das «Prosas Bárbaras».

baile. Loucas umas, ridiculos outros, só o cão continua na mesma porque conhece a sua natureza e os contrastes do tempo em que vive.

JORGE DE AZURÉM.

A virtude é uma qualidade moral que só as almas boas sabem apreciar e esconder com modéstia. Raros a possuem, porque a maioria faz dela campo de batalha. — X.

DA MINHA SEARA

Divagando

A paixão é um sentimento forte, violento, capaz de todo o heroísmo, como de todos os crimes e loucuras. Reprimi-la, não é fácil, quando tem contra ela a opressão dos mais fortes a querer dominá-la, vencê-la, a golpes rudes, por vezes traiçoeiros. E a paixão não quer violências, nem conhece o império da lei. A paixão é delicada: filha dos sentimentos mais espontâneos do coração, tem também momentos de revolta se se vê tratada com menos respeito ou menos critério. Duma sensibilidade que chega ao extremo, a paixão odia o ódio e é capaz de matar com o maior sangue frio, porque não souberam tratar dela e antes a incendiaram no fôgo violento da vingança.

Por paixão se salva uma virgem, como se pode perder; a mesma paixão pode não perdoar á adúltera, mas perdoar á filha o crime do seu amor, por paixão vai o mancebo a toda a parte e não receia o perigo que pode esperá-lo no caminho; a mesma paixão leva a jovem a dar a esmola a um pobre com a mesma tranquillidade e confiança como beija o amante, que a espera na encruzilhada da sua traição...

A paixão tem também a sua psicologia: é como o amor.

Profundá-los é penetrar no segredo do infinito, ou procurar fundo, na alma de uma mulher, qualquer coisa que torne doce e mais suave a vida.

Por isso a paixão não quer que a dominem: ella sabe dominar-se. Vence-se a ella própria. Condenar, portanto, a paixão, é cair no mesmo erro em que quasi sempre caem os que querem levar a natureza para além das suas funções.

Paixão e amor-próprio são bem irmãos: podem perdoar, mas impõem condições.

Eu respeito a paixão dum idealista, dum romântico do ateu ou do crentê, mas sobretudo, a da mulher, principalmente quando ella é, como quasi sempre, cheia de sentimentos puros, duma paixão mal compreendida.

Fevereiro—1927.

MARIA CLARA.